

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA**

**SUELEN PACHECO MAZZUCCO**

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA  
REGIONAL DO EXTREMO SUL CATARINENSE**

**CRICIÚMA**

**2013**

**SUELEN PACHECO MAZZUCCO**

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA  
REGIONAL DO EXTREMO SUL CATARINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para  
obtenção do grau de Licenciatura e Bacharel no  
curso de História da Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, UNESC.

Orientador: Dr. Carlos Renato Carola

**CRICICÍMA**

**2013**

**SUELEN PACHECO MAZZUCCO**

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA  
REGIONAL DO EXTREMO SUL CATARINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para  
obtenção do grau de Licenciatura e Bacharel no  
curso de História da Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, UNESC.

Criciúma, 05 de Dezembro de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Carlos Renato Carola - Doutor - (Universidade do Extremo Sul Catarinense –  
UNESC) Orientador

Prof. João Henrique Zanelatto – Doutor - (Universidade do Extremo Sul Catarinense -  
UNESC)

Prof. Juliano Bitencourt Campos – Mestre- (Universidade do Extremo Sul Catarinense -  
UNESC)

**Para minha família, com muito carinho.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por conceder a força e disposição ao longo dessa jornada; sem ele nada sou. Aos meus pais a base da minha vida, por acreditar nas minhas escolhas, contribuindo para tornar a pessoa que sou hoje. Meu irmão e minha cunhada pela força e motivação diante das dificuldades na construção da pesquisa. Agradeço também ao meu namorado por todo amor, paciência e compreensão nos momentos mais difíceis. Obrigada família por acreditar em mim, e sempre estarem do meu lado, amo vocês!

Muito obrigada a todos os professores do curso de História, os quais fizeram um excelente trabalho, e com qual eu aprendi muito. Ao meu professor orientador, Carlos Renato Carola, pela disponibilidade deste compromisso, contribuindo com seu conhecimento para realização deste trabalho.

E por fim as amigadas às quais fiz no curso, em especial: Gislaine, Paola e Verônica, que ao longo destes quatro anos posso considerar verdadeiras amigas. Obrigada pela paciência, o carinho, os sorrisos e principalmente pela mão estendida nos momentos em que mais precisei; essa conquista valeu apenas junto com vocês.

**“O mundo dos Xokleng não era um paraíso como muitos poderiam imaginar. Era um mundo de forte interdependência com a natureza. Os sucessos alcançados eram consequência do esforço individual e coletivo, e baseados nos saberes que diversas gerações haviam desenvolvido para aproveitar aquele espaço ecológico que elegeram como o seu habitat.”**

**Silvio Coelho dos Santos.**

## RESUMO

Este trabalho procura analisar a imagem e representação historiográfica dos indígenas Xokleng a partir da perspectiva da história cultural.

As informações foram obtidas através de pesquisas acadêmicas e obras locais e regionais, que abordam o cotidiano e a experiência dos nativos com os colonos europeus, de modo geral contextualizam o período da colonização. Nessa base, é construída uma discussão através das perspectivas dos autores abordados.

O grupo Xokleng habitava na Mata Atlântica, no Estado de Santa Catarina até o século XX. A mesma área onde se estabeleceu a colonização italiana, e conseqüentemente acabaram desintegrando o modo de vida dos nativos. Ocasionalmente pela expansão do capitalismo, através do desenvolvimento na agricultura. Durante muito tempo antes da chegada dos europeus, os índios tinham domínio das florestas, as extremidades do planalto e os vales litorâneos da região sul do Brasil.

**Palavras-chave:** Historiografia. Xokleng. Colonização.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1. OS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DO EXTREMO SUL CATARINENSE</b> .....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
1.1 QUEM ERAM E COMO VIVIAM OS ÍNDIOS XOKLENG? .....	14
1.2 IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS: A PERSISTÊNCIA DO OLHAR EUROCENTRISTA.....	19
1.3 OS XOKLENG NA HISTORIOGRFIA ACADÊMICA CATARINENSE .....	23
<b>2. OS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA REGIONAL DA IMIGRAÇÃO-COLONIZAÇÃO</b> .....	<b>32</b>
2.1 O SENTIDO DA COLONIZAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA REGIONAL-TRADICIONAL.....	32
2.2 O ÍNDIO SELVAGEM NA OBRA DO PADRE ITALIANO LUIGI MARZANO .....	27
2.3 AS REPRESENTAÇÕES DOS XOKLENG NAS OBRAS DOS DESCENDENTES DA IMIGRAÇÃO ITALIANA.....	40
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>



## INTRODUÇÃO

O estudo historiográfico da cultura indígena tem como princípio trazer a representação desse povo que ficou por muito tempo excluído das obras didáticas e presentes nas historiografias tradicionais. Por tanto, a pesquisa é feita em análises de documentos escritos sobre diversas linguagens relacionados aos Xokleng.

Narrar um fato acontecido no passado é um dos papéis principais do historiador. Dessa forma entende-se que a história dos Xokleng pode ser contada muitas vezes. De acordo com a historiadora Sandra Pesavento, pode ser contada em várias perspectivas, ou seja, de modo algum iremos constituir uma única história verdadeira e absoluta.

Este trabalho é fruto de pesquisa de Tese de Conclusão do Curso de História – UNESC. Entre muitos temas pesquisados durante o período, foi justamente sobre os Xokleng, que me aguçou a inquietação e a curiosidade em termos de cultura indígena.

O tema refere-se sobre as “Imagens e representações dos índios Xokleng na historiografia regional Sul Catarinense”. Essa pesquisa tem como objetivo visar à contribuição para o reconhecimento cultural, e também relatar sobre a sua luta espacial na busca de sobrevivência no período da colonização.

Para melhor compreensão sobre a concepção de representação, utiliza-se a ideia da historiadora Sandra Pesavento: “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão”.<sup>1</sup> Por isso é uma construção de um mundo paralelo ao real.

Decorre daí, portanto, a assertiva de Pierre Bourdieu, ao definir o real como um campo de forças para definir o que é o real. As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variado, pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.<sup>2</sup>

O conceito de imaginário tem como o papel de dividir e apontar semelhanças, as diferenças sociais inseridas nos valores, ideologias, crenças entre outros. Assim explica Pesavento:

É construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. No contexto do racionalismo cartesiano (século XVII) e da

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2005, p. 40.

<sup>2</sup> PESAVENTO. 2005, p.41-42.

razão iluminista (século XVIII), o sentido de imaginário foi “relegado ao mundo da fantasia, da ilusão, do não-real, da não-verdade, do não sério”.<sup>3</sup>

A pesquisa presente consiste em dois capítulos que trazem informações voltadas para o cotidiano dos Xokleng e os conflitos com os imigrantes italianos.

Segundo o Arqueólogo Rodrigo Lavina, os estudos dos Xokleng podem ser divididos em três grupos temáticos,

A documentação histórica e antropológica sobre os Xokleng pode ser dividida em três grandes grupos temáticos, de acordo com a cronologia dos documentos, dos relatos e os objetivos que se propuseram os autores dos mesmos. Ao primeiro grupo chamaremos de Documentos Históricos, estando incluídos nesta classificação os relatos de viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX), as Fallas e Relatórios dos Presidentes da Província de Santa Catarina (séculos XIX e XX), obras de história catarinenses, municipais e regionais (séculos XIX e XX), e crônicas históricas municipais (século XX).<sup>4</sup>

No primeiro capítulo é utilizado fontes acadêmicas, ou seja, pesquisas que foram desenvolvidas dentro linha científica. Com base nos Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertação de mestrado e artigo.

Já no segundo irá ser abordado nas historiografias locais e regionais, na qual se encaixa as obras feitas por padres, e pessoas que também se interessavam pela temática da história da colonização local e regional. Todavia, esses registros são escritos com base em documentos históricos, narração de lembranças das famílias, viajantes ou até mesmo a própria experiência no período da colonização, que é o caso da narração do Padre Marzano no final do século XIX e início do século XX.

A pesquisa tem como objetivo apresentar as representações dos Xokleng em seu modo de vida, ou seja, como sujeitos presentes da nossa história, e participantes da construção da nossa identidade.

A herança da cultura indígena é muito influente em todo o Brasil. Porém ainda é pouco reconhecida. Talvez em relação do nosso tempo e espaço, ou por ter uma visão tradicional do índio, por serem sujeitos “antigos” que talvez não existam mais, ou residem distante da nossa localidade.

Dessa forma, faço questão de levar por essa pesquisa historiográfica o reconhecimento destes povos históricos, podendo contribuir em seu reconhecimento, e respeitando em suas diversidades, e principalmente não ficando no esquecimento.

---

<sup>3</sup> Idem. 2005, p.47.

<sup>4</sup> LAVINA, Rodrigo. *O Xokleng de Santa Catarina: Uma Ethnohistória e Sugestões Para os Arqueólogos*. 1994, p.32.

## 1. OS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DO EXTREMO SUL CATARINENSE.

### 1.1. Quem eram e como viviam os índios Xokleng?

O nome desse grupo conhecido por Xokleng procedeu do vocábulo indígena pelo qual eram identificados através de um costume da sua cultura no uso de um “tembetá” ou “botoque” nos lábios, essa característica era reconhecida como os “Botocudos”. Porém, existem outros termos que são da própria língua falada e reconhecida pela tribo. Mas esta prática de nomear vem de uma necessidade nacional de identificar os grupos de índios. Segundo Santos, eles não têm uma autodesignação, e este detalhe vem dos civilizados e não dos indígenas.<sup>5</sup>

Por serem povos seminômades viviam próximo da encosta da Serra Geral, tendo como subsídio em meio à floresta alimentos que precisavam para o sustento do grupo. Porém, não durava muito tempo a ocupação; enquanto era o período de frio era aproveitado o pinhão e as caças, e na primavera os frutos típicos da região.

No mapa a seguir, observam-se os locais por onde os Xokleng estabeleciam seus acampamentos de passagem:

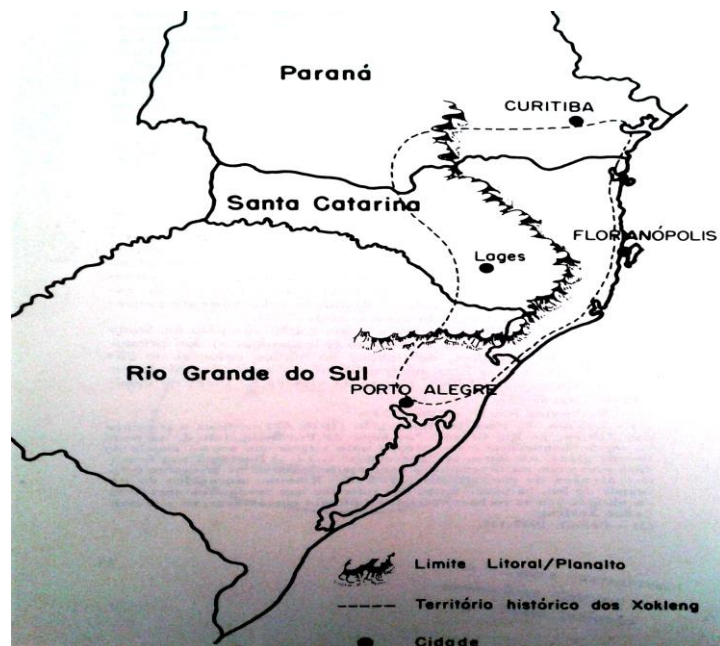


Figura 1 - Mapa da Região Sul do Brasil<sup>6</sup>

<sup>5</sup> SANTOS. Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. 1973, p. 31.

<sup>6</sup> SANTOS. 1973, p.36.

O historiador Mauricio Selau destaca essa prática como “movimento pendular entre o litoral e o planalto”.<sup>7</sup> Já Santos mostra que eles eram dependentes da caça e coleta, e por isso precisavam dominar um espaço onde toda a sua família se agrupava por alguns dias, sendo que no estado de Santa Catarina os Xokleng começaram a se sentir pressionados pela questão geográfica e a expansão do homem branco, assim o explica:

Essa área é extremamente acidentada. Em alguns momentos a serra desce abruptamente até junto ao mar. Em outros, recuos da montanha permitem que entre esta e o mar se estendam planícies e vales. O território em questão é portanto, descontinuo e acidentado, sob ponto de vista geográfico(...). Nem sempre foram habitantes da floresta. Outrora ocupavam o planalto, onde predominam campos naturais, entre meados de pinheirais. (SANTOS, 1973, p.37).

No artigo “*Encontros de estranhos além do mar oceano*” os Xokleng também tinham uma particularidade que os diferenciava de outras tribos indígenas,

Tinham língua, cultura e território que os diferenciavam dos outros povos indígenas, tais como os guaranis e os Kaingang. Viviam separados em grupos, que quase sempre mantinham disputas entre si. A família, o sexo, o nascimento de crianças, a vida em grupo, a parceria nas atividades de caça e coleta, a divisão dos alimentos entre todos, as festas, as disputas e a morte faziam parte do cotidiano. Não tinham uma autodenominação específica. Se identificavam a si próprios como “nós” e a todos os estranhos como os “outros”.<sup>8</sup>

No livro de Santos ele aborda diferenciações sobre os Xokleng dos Kaingang como nas mitologias ligadas aos rituais de passagens, maneira de enterrar os mortos como também os difere na organização social. Porém os Xokleng e Kaingang tem sua ancestralidade interligada ao Guainá ou Caaguá, que dominavam as terras do interior do sul do Brasil. No século XIX na época da colonização em Santa Catarina, existiam em torno de três grupos Xokleng que eram formados por 50 ou 300 pessoas.<sup>9</sup>

Como prática do seu regime alimentar, os Xokleng tinham o pinhão como base principal do seu alimento, considerando a maior oferta da natureza. O fruto dos pinheirais era intenso e farto em épocas de frio, também servia de alimento para fauna (aves e macacos), entretanto atraía outros grupos, como os Kaingang que despertavam disputas pelo domínio dessa área. Esclarecendo que, como o foco é o grupo Xokleng, não será aprofundado na pesquisa, os povos Kaingang.

<sup>7</sup> SELAU, Mauricio. *A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul catarinense (1875-1925: resistência e extermínio*. 2010, p. 29.

<sup>8</sup> SANTOS, *Silvio Coelho dos. Encontros de estranhos além do "mar oceano"*. p. 435. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_431-448.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf). Acessado em: 03 de setembro de 2013. 19h30m.

<sup>9</sup> SANTOS. *Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. 1973, p. 30.

Além da caça e coleta, faziam suas próprias ferramentas e armas. Santos sintetiza bem como era o dia-a-dia desses povos nativos, produziam seus arcos e flechas um trabalho artesanal de precisão. Os Xokleng partiram para uma área mais a borda do planalto, a qual era diferente do seu antigo habitat. Segundo Santos, pela falta de capacidade de dominar o fluxo d'água dos rios, e de desenvolver uma agricultura na floresta tornaram-se seminômades, fazendo da caça e coleta sua nova subsistência de vida.

A historiadora Edna Elza Vieira ressalta sobre as características físicas dos Xokleng, conforme a descrição na carta enviada por Eduardo para a direção ao SPI (Serviço de Proteção aos Índios):

O seu physico é muito desenvolvido, dispondo elles de uma resistencia e força musculares extraordinárias. O indio, fóra do matto, principalmente quando vestido jamais dá a impressão do que na realidade elle é... Para poder fazer-se uma ideia exacta, das suas aptidões, é necessario conviver com elles no matto, e acompanhalos em suas peripecias de caçadas, colheitas de frutas, perfurações de abelheiras e seus multiplos outros affazeres. Estas são as occasiões em que se podem admirar a presteza, acerto e segurança de cada movimento, do qual muitas vezes depende a vida do indio. Verifica-se o mesmo em as mulheres que não obstante suas pequenas estaturas são de uma resistência physica fóra do comum. A sua tez apresenta uma côr abronseada escura, que nas mulheres é mais clara. Os cabellos são negros, grossos ecorredios.<sup>10</sup>

Além disso, os índios tinham o dever de educar seus filhos desde pequenos; isso era uma das tarefas principais, afirma Vieira:

Para grande parte das culturas indígenas, o processo de socialização das crianças é considerado tarefa de todos, cabendo às mães e aos pais a orientação nas tarefas e comportamentos que a comunidade espera desse novo membro do grupo. Cabe às crianças brincarem e terem sua mãe sempre por perto para protegê-las, sem jamais levantar a voz, brigar ou bater-lhes. Uma boa mãe e um bom pai educam com autoridade, desenvolvendo na criança a atenção e a observação pessoal, bem como a importância da repetição de uma tarefa até a sua plena aprendizagem. Cabe a todos desenvolverem na criança o senso de responsabilidade e o respeito às regras sociais de sua comunidade.<sup>11</sup>

Inevitável não argumentar: como era passagem desses povos em uma área fria em época de inverno para quem não usa agasalho? Segundo Santos as mulheres também eram habilidosas nos trabalhos artesanais, fabricavam panelas de barro e cestos de taquara onde guardavam seus alimentos; também havia uma técnica usada para combater o frio, tecendo com fibras de urtiga mantas que serviam de agasalho nas noites de inverno.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> HOERHANN, Eduardo. *Anexo*. Paginação irregular. Apud. VIEIRA, Edna Elza. *Simbolismo e Reelaboração na Cultura material dos Xokleng*. 2004, p. 31.

<sup>11</sup> VIEIRA. 2004, p. 39.

<sup>12</sup> SANTOS. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_431-448.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf). Acesso em : 10 de novembro de 2013. 09h35m.

As mulheres também “limpavam animais e aves; cuidavam do preparo da comida; colhiam, estocavam e maceravam o pinhão e com ele faziam um tipo de farinha; cozinhavam ou moqueavam peças de carne dos animais e aves abatidas; preparavam bebidas fermentadas com mel e xaxim.” Sem esquecer que tinha também os “cuidados com suas crianças”.<sup>13</sup>



Figura 2 - Mulher Xokleng tecendo fibra de urtiga, relembrando seus costumes. Fotografia do ano de 1966.<sup>14</sup>

Na obra do Pe. Dorvalino Koach (2002, p. 212), aborda a cultura dos Xokleng, mostrando um pouco do seu modo de vida nas florestas; os abrigos em que viviam, das comidas que tinham e os armamentos de defesas. As mulheres Xokleng ajudavam a carregar os apetrechos domésticos para o abrigo da tribo. Lá se abrigavam em uma árvore bem copada e permaneciam alguns dias para descansar. No caso de uma permanência prolongada, seus abrigos eram um pouco mais confortáveis, pois construíam ranchos ou malocas. Nas tecnologias das suas ferramentas e utensílios de cerâmicas e fibras, o vestuário feito pelas mulheres, tudo de forma artesanal, neste caso Pe. Dorvalino relata,

O homem, com notável perícia fabricava as armas (arco-flecha, lança e borduna), os cochos, os balaios ou cestas, os abrigos ou ranchos. A mulher fabricava peças de cerâmica e de fibras. É de notar-se que a cerâmica Xokleng era primitiva, de pequeno porte e de pouco uso. Até porque não valeria apenas melhorar tais peças, levando-se em conta o trabalho de recarrega-las no frequente pervagar pelas matas.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Idem, 1973, p. 434.

<sup>14</sup> SANTOS, Silvío Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997. p. 102.

<sup>15</sup> KOCH, Dorvalino Eloy. *Tragédias Euro-Xokleng e Contexto*. 2002, p. 215 e 216.



Figura 3 - Demonstração das Malocas dos Xokleng. A cobertura com folhas de coqueiro, bananeira ou palha. Fotografia do ano de 1963.<sup>16</sup>

Quando alguma pessoa da tribo falecia havia a prática de rituais, segundo Edna a morte era um relevante fator de ruptura social entre os Xokleng. Portanto os corpos eram cremados. Por meio de sua pesquisa Edna revela:

As pesquisas realizadas por A. Métraux apontam que, inicialmente cremavam seus mortos, exceto as crianças menores, pois acreditavam que elas retornariam ao ventre da mãe e renasceriam: por isso a nova criança recebia o nome da falecida. Os Xokleng também queimavam juntamente com os mortos seus bens pessoais. Normalmente eram os afilhados que se incumbiam da cremação de seus padrinhos quando morriam. [...] Após a cremação do morto(a) viúvo(a) era afastado(a) da aldeia, visto que a alma do(a) falecido(a) tornava-se um perigo para o cônjuge e para a comunidade. Eles deviam seguir alguns procedimentos para que o espírito do(a) morto(a) seguisse sua viagem.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997, p. 94.

<sup>17</sup> VIEIRA, 2004, p. 44.



Figura 4 - Guerreiros Xokleng com botoque e cocar. Armas: lança tacape (borduna), arco e flecha.<sup>18</sup>

## 1.2. Imagens e representações dos povos indígenas: a persistência do olhar eurocentrista

A colonização no Brasil ocasionou vários impactos com a chegada dos europeus<sup>19</sup>. A ânsia do progresso na expansão dos territórios e economicamente dentro de um processo de dominação, procedendo aos homens brancos a defrontar-se com as culturas aqui já existentes no século XVI. Com embasamento nesta afirmação de Santos pode-se entender sobre os impactos nas culturas indígenas, através de aberturas nas florestas pela busca de riquezas que a América fornecia.

No século XVI através das navegações ultramarinas chegaram à América os navegadores, em cartas geográficas descreviam sobre novas regiões “descobertas”. Nessas cartas os navegadores representavam como era a América, porém nem sempre relatavam a realidade, pois eram escritas de forma estratégica aos interesses europeus.

Na obra de Yolanda Lhullier dos Santos diz que nessas cartas os nativos eram representados como “bons selvagens”. Isso serviu como argumento de repensar sobre a

<sup>18</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997. p. 68.

<sup>19</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. Encontros de estranhos além do "mar oceano". p. 435. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_431-448.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf). Acesso em: 18 de setembro de 2013. 11hrs.



organização nos valores e estruturas sociais.<sup>20</sup> Após meio século deste encontro com os nativos, existia ainda uma discussão da espécie homem “selvagem americano”, seria um ser predestinado aos serviços dos europeus que se taxavam superiores aos índios pelo seu modo de viver em condições naturais. Dessa forma, invadiram os espaços ocupados pelos nativos, expulsando-os e dizimando várias culturas indígenas, através de atitudes brutais e devastadoras.

Da mesma maneira o homem branco trouxe muitas doenças para os habitantes nativos que acabou proliferando-se para esses povos. Essa foi a forma dos europeus organizarem o “novo mundo” a todo custo, para um “mundo civilizado”, segundo Yolanda esta estratégia de posse do território americano ainda existe uma complexidade que atinge as estruturas ideológicas e sociológicas dos povos envolvidos.<sup>21</sup>

Mauricio Selau também analisa sobre o conceito do branqueamento da população do Brasil, pois havia um número expressivo de negros africanos e seus descendentes no território. Eles faziam parte do sistema de mão de obra escrava. Por isso as elites brasileiras apoiavam a política de imigração.<sup>22</sup>

Nesse contexto, o Brasil buscou atrair uma corrente migratória procedente da Europa, preenchendo os espaços conhecidos como “vazio demográfico” do império, cujo interesse dos governantes era a expansão da área agrícola para complementar a economia do império e consolidar fronteiras com outros países. De acordo com estas informações, percebe-se que as autoridades ao afirmarem vazio demográfico mostram de forma iminente o racismo. No sul catarinense esse termo fica localizado nas áreas de mata Atlântica e na mata Araucária, na qual viviam os grupos indígenas Xokleng.

O preconceito que havia na condição de seres humanos, acontecia com os grupos indígenas considerados selvagens pela forma natural de viver; ou seja, não tinha valor humanístico nenhum. As fontes documentais, indicam a ignorância e brutalidade dos governantes. Estes possuíam atitudes de suspender totalmente a presença destes povos que habitavam nestes territórios.

Contudo se percebe que através de documentos oficiais, nessas áreas havia a habitação de grupos indígenas, e os administradores da colônia sabiam da existência destas pessoas,

A presença dos Xokleng nesta região vai ser mencionada em documentos oficiais como correspondência das câmaras municipais de vereadores ao presidente da

---

<sup>20</sup> SANTOS, Yolanda Lhullier dos. *A imagem do índio: O selvagem americano na visão do homem Branco*. 2000. p. 9. Idem, 2000, p. 9.

<sup>21</sup> Idem, 2000, p. 9.

<sup>22</sup> SELAU. 2010, p. 22.

província, relatórios dos engenheiros responsáveis pelas medições dos territórios necessários à implantação das colônias, ofícios de delegados e subdelegados ao presidente da província, entre outros. Deste modo, fica patente que o governo imperial e provincial tinham o conhecimento do vazio demográfico se referia a áreas não habitadas por membros da sociedade nacional, pois era notável a presença de um grupo nestas florestas, juntamente nos locais em que se projetava a instalação das colônias.<sup>23</sup>

Segundo Edna Elza Vieira os colonos evidenciavam superioridade na sua cultura através do contato com os indígenas:

O processo de colonização trouxe consigo conflitos decorrentes do contato, justamente, pelo fato de que os colonizadores observaram a organização social dos indígenas e a desconsideraram, procurando enfatizar uma superioridade da cultura europeia em relação à cultura indígena.<sup>24</sup>

Selau (2010, p. 146), explica que estas representações da imagem dos nativos que os colonos tinham, são construídas a partir de práticas vivenciadas dentro da própria cultura. Por isso reconheciam entre si as diferenças sociais e culturais. Esta prática era construída pelo ponto de vista do observador e não do observado e apresentava um julgamento do modo de vida como um comportamento primitivo dos Xokleng, e que estes não estavam capacitados a conviver com a civilização.

Os ‘bugreiros’ ou ‘líderes de batidas’ destaca-se o fazendeiro Martinho Marcelino de Jesus, ou Martinho Bugreiro<sup>25</sup>, muito conhecido pelo seu “serviço” em Santa Catarina, segundo Silvio Coelho Santos:

Foi nessa condição de criador, isto é, pequeno fazendeiro, que começou a atender pedidos de particulares e do governo para “afugentar” os índios. Volta e meia estava em Florianópolis, prestando conta ao governo. No início do século, comandou diversas expedições no vale do Itajaí. Em algumas de suas estadas em Blumenau foi fotografado com sua turma e suas vítimas.<sup>26</sup>

Em Nova Veneza, cidade do sul de Santa Catarina, destaca-se Natal Coral, agrimensor oficial da Companhia Metropolitana. Entre tais atribuições, também conhecia todos os caminhos, trilhas e abrigos indígenas. Além dele, havia outros. Geralmente eram compostas entre 5 a 15 homens, sob o comando de um “líder das batidas”. Santos (1997, p.28) relata que as investidas nas matas eram violentas no modo como assaltavam os abrigos dos nativos. Explica claramente que o bugreiro era um caçador de índios, e também tornou-se uma profissão a pedido do governo, na prática de expandir o capitalismo na América.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> SELAU, 2010, p. 23.

<sup>24</sup> VIEIRA, 2004, p. 07.

<sup>25</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997, p. 27.

<sup>26</sup> Idem, 1997, p. 27.

<sup>27</sup> Ibidem, 1997, p.28.

Foi um grande problema a ser discutido sobre a reorganização nos parâmetros sociais. Isto não significava que os índios não podiam fazer parte da nacionalidade brasileira, a não ser que eles deixassem estas características da sua origem e começassem a mudar seus costumes nativos e se tornassem um “amansado”. Deveriam seguir os valores e respeitar as regras sociais.<sup>28</sup> Nestas estruturas ideológicas e de sociedade, é perceptível a relação de vencedores e vencidos.

Até a primeira metade do século XX, durante o processo de construção da identidade da nacionalidade brasileira os índios e os escravos, até mesmo os livres, mas que eram os analfabetos não se encaixavam nos padrões nacionais; no caso dos indígenas é muito evidente a discriminação como ser humano:

“Essa diferença de condição era reconhecida até mesmo em termos legais, pois os índios eram isentos, inimputáveis, não eram cidadãos, eram como se fossem menores, irresponsáveis.”<sup>29</sup>

No início do século XX surgem o SPI (Serviço de Proteção aos Índios) em Santa Catarina, tendo como objetivo estabelecer a paz na colônia, acabando com as práticas de violências que eram feitas pelas ações dos bugreiros. No ano de 1967 foi substituído pelo órgão da Fundação Nacional de Proteção do Índio (FUNAI):

Em 1967, o governo militar resolveu extinguir o Serviço de Proteção aos Índios. Uma série de escândalos recentes, envolvendo entre outros a utilização do patrimônio indígena e o uso do índio como mão-de-obra-escrava, orientou a decisão do poder militar. Pretendia-se, com essa iniciativa minimizar a repercussão que tais acontecimentos estavam tendo no exterior. Em substituição ao SPI, o governo criou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A este órgão foram acometidas todas as atribuições de defesa e tutela das populações indígenas no país, visando a sua “integração à comunidade nacional”.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> FUNARE, Pedro F. PIÑÓN, Ana. *A temática indígena na escola – subsídios para os professores*. 2011, p. 20.

<sup>29</sup> FUNARE e PIÑÓN. 2011, p. 20-21.

<sup>30</sup> SANTOS. SANTOS, Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997, p. 59.



Figura 5 - Os guerreiros Xokleng com vestimentas. Ao centro Eduardo Hoerhan o "pacificador" funcionário do SPI onde obteve uma longa carreira nesse trabalho. Porém seus últimos anos foram tristes, marginalizado pelos índios e funcionários da SPI, FUNAI .<sup>31</sup>

A permanência, dos nativos em alguns territórios, durante segunda metade e final do século XX consta em alguns registros oficiais da FUNAI. Em Santa Catarina cerca de 3,14% da população do país na década de 1970 eram de indígenas.<sup>32</sup> Em comparação no ano “2000 em todo o Brasil constam índices ainda mais baixos 734 mil pessoas, ou seja, 1% da população brasileira.” (FUNARE E PIÑÓN. 2011, p. 20).

Segundo Santos (1973, p.19), os índios sobreviventes no Brasil formavam uma grande diversidade cultural, e para uma melhor representação diante da sociedade nacional passaram por um esquema específico de classificação, que são estes: níveis de integração, classificação linguística e áreas culturais. Concluindo, a representação indígena é um tema bem abrangente.

### 1.3. Os Xokleng na historiografia acadêmica catarinense

O estudo historiográfico da cultura indígena tem como princípio trazer a representação desse povo que ficou por muito tempo excluído das obras didáticas e presentes na historiografia tradicional. Compreender a valorização sobre os estudos da cultura indígena, que possam ser relacionadas à importância de torná-las reconhecidas e respeitadas em suas

<sup>31</sup> Idem. 1997, p. 69.

<sup>32</sup> SANTOS. *Índios e brancos no Sul do Brasil – a dramática experiência dos Xokleng*. 1973, p. 19.

diversidades, e não ficar no esquecimento. Por tanto nessa pesquisa é feita a análise de documentos escritos sobre diversas linguagens relacionados aos Xokleng.

Narrar um fato acontecido no passado é um dos papéis principais do historiador. Segundo Pesavento (2005, p. 50), o historiador deve ter argumentos que convençam o leitor pela sua narrativa, na qual foi construída a partir de uma seleção de dados disponíveis, de linguagens formando a representação do passado satisfazendo o pacto da verdade com o leitor.

Dessa forma entende-se que a história dos Xokleng pode ser contada muitas vezes. De acordo com Sandra Pesavento, pode ser narrada em várias perspectivas; ou seja, de modo algum iremos constituir uma única história verdadeira e absoluta.

Mas no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.<sup>33</sup>

Um dos aspectos importantes a ser salientado neste momento é sobre a representação do índio por serem sujeitos presentes da história, e participantes da construção da nossa identidade. Por meio de representações envolvidas através da narrativa, no imaginário, ficções e sensibilidades que são conduzidas ao leitor proporcionando o melhor sentido sobre a realidade narrada:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade<sup>34</sup>

Santos trabalha sua monografia através da história cultural. Percebe-se através da sua narrativa a preocupação em contar a história dessas pessoas. Resultando em um projeto o qual formou a divisão de Antropologia do Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro; apresentada como conclusão do curso na especialização de Antropologia Cultural. Esta, aborda uma análise comparativa da organização social dos grupos Jê de Santa Catarina.

Na visão de Santos, os Xokleng são sujeitos históricos que possuíam sua cultura. Durante muito tempo antes da chegada do homem branco, os Xokleng tinham domínio das florestas, as extremidades do planalto e os vales litorâneos da região sul do Brasil. Até então a

<sup>33</sup> PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2005, p.51.

<sup>34</sup> PESAVENTO, 2005.p. 39.

disputa de território que existia eram entre outras culturas indígenas, com os Guarani e os Kaingang. (SANTOS. 1997, p.15).

Santos preocupou-se mostrar nas suas obras o modo de vida desses sujeitos, na qual os diferenciavam das outras tribos indígenas, pois tinham sua linguagem de comunicação, como tinha também sua técnica de fabricar seu armamento, os objetos de cerâmica, entre outras características diárias do seu cotidiano.<sup>35</sup>

Sobre a história da experiência dos Xokleng, Santos explica que foram vítimas da colonização, desse “progresso” que os governantes almejavam para o país. Com a imigração dos europeus iria preencher os territórios “vazios” na parte sul do Brasil.

“A simultaneidade dessas várias iniciativas, justificadas pela necessidade de progresso para as províncias do sul, tinham como significado o extermínio da população indígena que nessa área estava a viver: os Xokleng.”<sup>36</sup>

Segundo Santos, as áreas predestinada à colonização tinham o apoio do Governo Imperial, à medida que as colônias iriam se desenvolvendo e prosperando no avanço da civilização, ampliando áreas de cultivo para agricultura e pecuária; ou seja, um modo de vida camponesa foi cada vez mais se expandindo e transformando a região:

Intensificando-se a colonização em Santa Catarina, com a instalação das colônias Blumenau (1850) e Joinville (1851), a cada dia mais terras eram tomadas aos xokleng. A partir de 1870, começaram a chegar italianos. Diversas colônias foram abertas também no sul do estado, como Urussanga e Nova Veneza.<sup>37</sup>

Através das fontes de Santos, levam a crer a ideia dos índios e os colonos muitas vezes serem vitimas das Companhias Colonizadoras e também pelo governo. A expansão destas áreas com o crescimento da população e da urbanização na colônia, ocasionaram disputas por necessidades alimentares, proporcionando alternativas para os Xokleng furtarem propriedades dos colonos. Compreende-se que assim se iniciou os primeiros conflitos entre os índios e os imigrantes.

Para ter domínio sobre estes povos, houve necessidade de catequização nas regiões de Lajes e Itajaí. Entende-se por este ato, modificações nos valores dos indígenas para os padrões europeus. Essa tentativa não foi suficiente, pois ainda continuavam as disputas euro-xokleng na medida em que a colonização se expandia.

---

<sup>35</sup> SANTOS. Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: Memória Visual*. 1997. p.16.

<sup>36</sup> SANTOS. Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil – a dramática experiência dos Xokleng*. 1973, p. 53.

<sup>37</sup> SANTOS. P. 437. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_431-448.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf). Acessado em: 16 /10 /2013 às 8:55h.

Mas ao mesmo tempo em que se organizavam, incentivavam e financiavam expedições de bugreiros à floresta para aniquilar os silvícolas; em que se declarava ser o índio um bárbaro, um desalmado; em que se reclamavam trabalhos de catequese; em que se armavam colonos; tomavam-se atitudes destinadas a mascarar toda a violência que dominava o sertão.<sup>38</sup>

Através das obras de Santos, entende-se que os índios foram afetados diretamente na sua cultura. O sentimento em qual narra quando diz que esse fato é catastrófico e irreversível para nossa sociedade, faz repensar na história dos Xokleng e na resistência daqueles que sobreviveram nessa luta.

Entretanto, na análise da Dissertação de Mestrado realizada pelo arqueólogo Rodrigo Lavina sobre a cultura material dos Xokleng, percebe-se a sua contribuição com informações as quais levam a compreensão da organização desses grupos. A pesquisa é feita nos sítios arqueológico existentes no período colonial até o século XX. Utilizando para tanto duas linhas de estudos: a etnografia e historiografia.

Para isso realizamos um levantamento não só da produção arqueológica existente para a região, como também uma pesquisa da etnografia do grupo, baseada em documentos históricos e etnográficos, que foram utilizados a partir de uma perspectiva etnohistórica, com o objetivo de formar um quadro da cultura material Xokleng, que pudesse ser comparado com os dados arqueológicos disponíveis.<sup>39</sup>

Segundo Lavina, através de objetos ou artefatos que pertenceram a um povo, pode-se obter um dos meios de interpretar a história, levando a crer uma forma de estudos no modo de vida da referida sociedade.<sup>40</sup>

No estudo da etnografia, Lavina diz que é feito com base na analogia comparativa com extrema cautela, devido à cultura humana ser diversificada quando se trata de níveis tecnológicos e suas semelhanças; no campo material e geográfico. Em relação aos estudos etnológicos indígenas o autor afirma:

Baseado nisto pode-se afirmar que um modelo etnológico específico, criado a partir do estudo da cultura de um grupo indígena documentado historicamente, pode ser bastante útil para compreender fenômenos como padrão de assentamento, tecnologia e padrão de subsistência, de grupos pré-históricos que deixaram vestígios na mesma área geográfica, desde que sua tecnologia e cultura sejam semelhantes.<sup>41</sup>

A produção artesanal dos Xokleng utilizada no dia a dia era para sua subsistência, percebe-se assim através da análise de Lavina, que essa oferece uma grande quantidade de material etnológico. São as cestarias com trançado diversificado, utilizando taquaras

<sup>38</sup> SANTOS. Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil – a dramática experiência dos Xokleng*. 1973.p. 114.

<sup>39</sup> LAVINA. 1994, p.2.

<sup>40</sup> Idem. 1994, p.6.

<sup>41</sup> Ibidem. 1994, p.6.

conhecidas como a taquara doce e o taquari, os pilões feitos em madeira, o armamento de arcos e flechas os quais são classificadas em oito grupos de acordo com a matéria prima utilizada e para as pontas das lanças utilizavam as lâminas de ferro. Os cintos, colares eram adornos para o uso pessoal, e os perfuradores de lábios eram para os homens. Também fabricavam bebida alcoólica para os festejos e rituais. Na fabricação da cerâmica, restaram poucos vestígios devido aos trabalhos agrícolas no solo, que podem tê-la deteriorado.<sup>42</sup>

De modo geral, as fontes que utiliza para a produção através da sua pesquisa, busca a compreensão em paralelo a existência pré-histórica nesses territórios. Afirma Lavina (1994, p.113-114):

Em relação ao nomadismo, os dados recolhidos parecem indicar ter ele existido desde a pré-história da região, seja praticado por grupos 114 antepassados dos Xokleng ou por outros grupos, cujas maneiras de explorar o meio ambiente fossem semelhantes. A presença de sítios arqueológicos com pontas líticas atribuíveis à tradição Umbu e com cerâmica atribuível à tradição Taquara tanto na região de Mata Atlântica quanto na região de Mata de Araucária, seria um destes indicadores, sugerindo que ao menos duas grandes tradições, uma lítica e uma cerâmica, se tenham sucedido ou coabitado no território histórico dos Xokleng. As diferenças no tipo de assentamento existentes entre estes sítios arqueológicos, poderiam ser explicadas pelas diferentes estratégias de subsistência utilizadas em cada uma das regiões, à semelhança dos Xokleng históricos, que tinham diferentes tipos de assentamento conforme a atividade desenvolvida no momento. Assim a frequência de determinado artefato ou resto faunístico em diferentes sítios arqueológicos implantados ou não na mesma região, poderia indicar ocupações diferenciadas de um mesmo grupo, conforme esta ocupação tenha como objetivo principal a caça, a coleta ou atividades cerimoniais.

A Dissertação de Mestrado feita pela historiadora Edna Elza Vieira, na qual também escreve sobre os estudos através da produção artesanal, afirma que são os símbolos da identidade e cultura material dos Xokleng.<sup>43</sup>

A pesquisa compreende a região do Vale do Itajaí, na Terra Indígena Ibirama no município de José Boiteux. Feita através de entrevistas com pessoas mais idosas e professores da comunidade, analisou a forma que define o artesanato e a sua utilidade nos dias atuais. Essa prática de entrevista tem como objetivo tornar-se presente através da lembrança evocada pelo entrevistador. A historiografia diz que essa prática é feita pela História Oral. Nas palavras de Sandra Pesavento:

Em primeiro lugar, o *gap* da temporalidade transcorrida entre a época em que teve lugar o acontecimento evocado e o momento em que se dá a evocação, ou seja, entre o tempo do vivido e o tempo do lembrado e narrado. O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No se relato já há reflexão, julgamento,

<sup>42</sup> Ibidem. 1994, p.68-97

<sup>43</sup> VIEIRA, Edna E. 2004.



ressignificação do fato memorado. Ele incorpora não só o relembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível da memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e deu um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer.<sup>44</sup>

Edna (2004, p. 22) afirma que o estudo sobre os antecedentes históricos é um dos motivos que levam uma “mudança de olhar” na concepção sobre os indígenas. Sobretudo a forma de como viviam, e as transformações que sucederam ao longo do tempo. A historiadora apresenta os Xokleng mostrando a sua forma de vida através dos artefatos por eles deixados, que visavam atender às necessidades das atividades cotidianas, na qual se trata de: flechas, pontas de flecha, perfuradores de lábio, lâminas de machado, pilão, cestos, adornos para enfeite entre outros.

Estes objetos por ser confeccionados a base de matéria-prima natural, a sua utilização tinha uma grande importância. Pode ser denominado de cultura material; ou seja, um documento em forma de objeto, que pode contribuir relativamente (assimilando) nos estudos sobre a cultura de um povo. Para explicar melhor essa informação, utiliza a fala de Pedro P. Funari:

Segundo afirmação de Pedro Paulo Funari: “Os produtos humanos, tem seu caráter material, na medida em que possui uma existência física exteriora o universo da consciência social – pois a realidade não pode ser alterada pelo pensamento – conduzem a uma assimilação das relações entre os homens como relações naturais, independentes dos próprios agentes sociais”.<sup>45</sup>

Adiante Vieira fala sobre a ancestralidade dos índios de Santa Catarina, na qual os Xokleng e Kaingang fazem parte do conjunto multicultural que define o povo Jê do Brasil Central. Entretanto, isso não quer dizer que tenham uma mesma cultura. Segundo a autora com base nas afirmações de Francisco S. Noelli e F A. Silva, analisa os artefatos encontrados durante as prospecções arqueológicas, dos Xokleng e Kaingang. Essas semelhanças em vários materiais, diferenciavam-se na utilização que os povos davam a esses objetos. Portanto um mesmo elemento pode ter vários significados dependendo da sua cultura.<sup>46</sup>

A historiadora relata que ainda hoje são confeccionados por alguns artesãos moradores da Aldeia Bugio, no município de José Boiteux, feitos pelas mãos de descendentes dos Xokleng por saberem produzir do mesmo modo dos seus antepassados (pais, avós, etc). Porém não consiste a mesma originalidade devido à adaptação e na reelaboração nas técnicas

<sup>44</sup> PESAVENTO.2004, p. 95.

<sup>45</sup> VIEIRA. 2004, p.23. Apud. FUNARI, Pedro P. A Arqueologia. 1988. p. 17.

<sup>46</sup> VIERIA. 2004, p.23.

de produção. As participações das escolas estão também envolvidas na confecção que geralmente é destinado a festas do Dia do Índio, comercializando em eventos promovidos pela cultura indígena.<sup>47</sup>

Analisando a obra de Edna Elza Vieira percebe-se que os descendentes dos Xokleng lutam pela preservação da sua cultura atualmente, na qual a função das escolas é proporcionar um ensino através do método pedagógico e bilíngue, que atenda às normas da Lei de Diretrizes e Base (LDB) com o intuito de garantir às comunidades indígenas o ensino diferenciado e intercultural.<sup>48</sup>

Considera-se que é uma grande conquista para o reconhecimento da cultura Xokleng. Marcados por um passado de uma longa história de conflitos étnicos, os índios foram vítimas de epidemias, escravidão, remoção, aldeamento foçado ocasionados pelas políticas da implantação das colônias públicas e privadas.

Neste caso a historiadora Carla Zanette Bif escreve sobre os Xokleng de forma sucinta na sua pesquisa acadêmica. Pesquisou com base na abordagem historiográfica ambiental na região de Nova Veneza. Carla relata que os Xokleng eram classificados como seres “selvagens”, onde o homem branco se autodenominava como uma cultura superior, e por isso tinha direito de tomar certas atitudes que os favoreciam:

Os ditos “selvagens” não eram vistos como seres humanos, eram qualificados como bichos, logo eles eram tratados sem nenhum respeito e consideração aos seus costumes. Os homens “civilizados” consideravam sua cultura superior com relação à dos indígenas, e por isso se julgavam no direito de tomar a terra que já estava sendo ocupada.<sup>49</sup>

É importante destacar sua crítica pelo fato da município de Nova Veneza reconhecer pouco a presença dos Xokleng nessa região. Por ser uma cidade histórica, é nítida que valorizem só a presença dos imigrantes italianos. É perceptível essa afirmativa, pois há monumentos e museus que fortalecem a italianidade herdada aos moradores, e já dos Xokleng não encontrou nenhum fato que possa reconhecer sua presença nesse local.<sup>50</sup>

A pesquisa relacionada sobre os indígenas Xokleng nota-se que estabelece diálogo com Mauricio Selau. Nessa contextualização percebe-se que falam sobre os conflitos entre duas etnias, na luta de domínio territorial. Afirmando que os Xokleng precisavam da preservação

---

<sup>47</sup> VIEIRA. 2004, p.68,69.

<sup>48</sup> Idem. 2004, p. 101.

<sup>49</sup> BIF. Carla Zanette. *História e Historiografia da Colônia de Nova Veneza-SC: Uma Abordagem de História Ambiental*. 2009.p. 29 e 30.

<sup>50</sup> Idem. 2009, p.38.

das florestas para seu abrigo, pois ali teria todos os seus suprimentos necessários para mantê-los vivos.

Dessa forma, na pesquisa da obra de Selau mostra a ocupação dos imigrantes nos territórios Xokleng na região Sul de Santa Catarina. Sua obra é fruto de pesquisa de graduação, e também dissertação do mestrado de História. Qual discute em três capítulos os modelos de colonização (imperial e privado), que levaram as transformações nas áreas florestais onde viviam os indígenas em seu recinto. Sua obra é pesquisada com documentos históricos, com obras que remetem a história local e regional.

Segundo Selau, no último quarto do século XIX foi feita uma intensa divulgação da América, em especial o Brasil na Europa. Fazendo que associassem a esses locais possuídos com uma fartura de terra boa para o plantio, lugar tropical com abundância de alimentos e assim melhorando suas condições de vida. O Autor diz que esse era o mito da cocanha.<sup>51</sup>

Na verdade entende-se que ao chegar a terras brasileiras o imigrante percebeu que não foi tão fácil assim como era imaginado. Selau afirma que ao dominarem esses territórios não pensaram na reação daqueles que já estavam situados nessa região.

Entretanto, ao chegar ao Brasil, fixando-se nas colônias, sejam públicas ou privadas e se deparar com uma realidade um tanto diferente da imaginada, os imigrantes estavam, em parte, equivocadas. No que diz a respeito aos indígenas, em pouco tempo, a ideia do bom selvagem, o homem em seu estado puro, que predominou na Europa até meados do século XIX, vai, aos poucos, ceder espaço para a construção de um inimigo a ser combatido, pois as colônias, como vimos, foram implementadas no território dos Xokleng, que, por sua vez, não aceitaram esta invasão sem esboçar reação. Qualquer grupo humano busca, dentro da sua lógica, defender a manutenção de seu território e, para tanto, lança mão dos recursos que conhece para fazer esta defesa.<sup>52</sup>

Através da sua visão sobre a colonização, o choque dos grupos étnicos fica claro. Compreende-se que a obra se trata de como se desenvolveu esses conflitos, pois o imigrante não veio para essas regiões com intuito da matança, pois não sabiam da existência dos índios. E essas áreas foram se transformando em colônias formadas pelo Governo e Companhia de imigração. A reação dos indígenas foi à tentativa de lutar pelo seu espaço e seu modo de vida.

Os governantes tomaram medidas, contrataram vários homens “cumplices” para a espoliação das terras indígenas, desintegrando-os de seus espaços. O trabalho desses cumplices, ou melhor, dos bugreiros era garantir a segurança dos colonos em suas

---

<sup>51</sup> SELAU. 2010.p.143.

<sup>52</sup> Idem. 2010, p. 144.

propriedades. Nesse período ocorreram várias matanças na qual Selau relata alguns desses fatos violentos.<sup>53</sup>

Ao finalizar a sua obra Mauricio Selau (2010, p.169-170), fala que as implantações das colônias foram responsáveis pela desintegração do o modo de vida dos Xokleng, foram vitimas da expansão do capitalismo na qual se trata das fronteiras agrícolas por meio da implantação das colônias com imigrantes europeus.

---

<sup>53</sup> Ibidem. 2010, p.167.

## 2. OS ÍNDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA REGIONAL DA IMIGRAÇÃO-COLONIZAÇÃO

### 2.1. O sentido da colonização na historiografia regional-tradicional

Na interpretação de um fato histórico, é possível na análise historiográfica deparar-se com diversas visões sobre um determinado tema. Todavia, o historiador deve estabelecer uma organização de dados escolhidos, constituindo uma possível explicação do referido fato histórico. Assim afirma Sandra Pesavento:

Com isso, a História não poderia ser jamais total, pois nenhum historiador poderia dar conta de tudo, e nem o tempo era uma categoria essencial, sendo apenas um meio ou um lugar onde a intriga se desenrola. Aliás, os próprios acontecimentos não tinham existência em si, mas eram uma encruzilhada de itinerários possíveis. Ou seja, Poul Veyne não só reduzia a história a uma narrativa sem capacidade explicativa de verdades ou totalidades como também aproxima de ser uma disciplina mais propriamente literária.<sup>54</sup>

Já na vertente da história tradicional que remontam o período de colonização no final do século XIX e XX, percebe-se algumas diferenças na escrita sobre a reconstrução do passado. Nas obras selecionadas para essa pesquisa, o sentido de colonização trabalha com o conceito de progresso, procura sempre exaltar a proeza dos homens aonde os imigrantes italianos oriundos do norte da Itália vieram para a América em busca de uma “nova vida”.

No sonho de ser proprietário de um pedaço de terra, o Brasil foi visto como um país tropical, sinônimo de prosperidade e de terras férteis para agricultura. Baldessar afirma que os imigrantes “sonhavam alto com ‘Con il pease della cuccagna’. Ser proprietário, ter suas próprias terras férteis onde poderia ser plantado e colhido com abundância”.<sup>55</sup>

Pe. Luigi Marzano imigrante italiano chegou final do século XIX em Urussanga, e com a própria experiência escreveu um livro que narrara o período da chegada dos colonos nas terras do sul catarinense. Marzano mostra que a Itália sofria uma grande crise econômica, e por tais motivos viram na América a esperança de uma vida melhor:

Nos anos de 1876, 1877, 1878, circulares, jornais e conferencistas giravam pela Europa, especialmente na Itália, desenhando em cores de ouro e apontando como terra prometida a América e em modo particular o Brasil. Naqueles tempos a Itália nossa, passava uma crise dolorosa. Os partidos revolucionários perturbavam a península, impostos e taxas atingem sem remissão, a agricultura era descurada ou

<sup>54</sup> PESAVENTO. 2005, p.34.

<sup>55</sup> BALDESSAR. Quinto. *Sua história, Costumes e tradições*. 2005, p.30

mantida por feudatários espoliadores, o pobre lavrador flagelado pela ‘pelagra’, (subnutrição), era incapaz de sustentar e alimentar sua família.<sup>56</sup>

A colonização no Brasil no século XIX trouxe uma corrente imigratória de europeus. Na região sul catarinense a colonização visava excelência na produção agrícola, trazendo novas técnicas estrangeiras para o trabalho na lavoura, nas áreas que consideravam improdutivas. No entanto, como já conhecemos eram as áreas conhecidas pelo governo como os “espaços vazios”, essa atitude desmerecia a presença dos indígenas nesses territórios.

Na visão de Marzano, os imigrantes ficaram decepcionados com as paisagens do novo lugar, comparando as suas antigas regiões da Europa:

“Pobrezinhos! Se os lugares de onde tinham partido não eram belos, horríveis eram aqueles onde tinham chegado. Nem casas, nem praças, nem estradas, nem povoados, só céu e florestas.”<sup>57</sup>

Em 1822, na segunda metade do século XX, formaram colônias oficiais no sul do Brasil. Em 28 de maio de 1878 foi fundada a colônia de Urussanga, chegando a torno setenta e seis famílias italianas. Segundo Marzano, Urussanga traz um nome verdadeiramente ‘selvagem’ vindo do vocábulo indígena, proveniente do nome Uru que era uma Perdiz que vivia nos bosques. As aves tinham o hábito do cantar na manhã e na tarde, qual saia o som do cantar ‘uru, uru, uru’. E sanga significa pântano, existiam muitos banhados em cada estrada. Marzano fala das colônias que procederam de Urussanga, que trazem o nome de cidades italianas: Nova Veneza, Nova Beluno, Nova Treviso, Nova Palermo.<sup>58</sup>

Em 1889, segundo o advogado e jornalista Zulmar Bortolotto (2010, p. 17), Nova Veneza foi a “primeira colônia do Brasil República”. Fundada em junho de 1891 pelo empresário italiano Miguel Napoli, oriundo da Sicília – Itália. Junto com a empresa Norte-Americana Ângelo Fiorita & Cia. Napoli resolveu vir antes dos imigrantes para comandar aberturas de estradas, demarcações das terras juntamente com o agrimensor Natal Coral, onde construíram um galpão para receber os primeiros imigrantes, totalizando aproximadamente 400 famílias no primeiro ano, e mais 500 nos anos posteriores.<sup>59</sup>

A pintura a seguir retrata uma das cenas da colonização em Nova Veneza. Foi pintada pelo gaúcho Pedro Weigartner, no ano de 1893. Essa obra mostra o progresso iniciado na colônia.

<sup>56</sup> MARZANO, Luigi; tradução de João Leonir Dall’Alba. *Colonos e missionários na floresta do Brasil*. 1985. p. 54.

<sup>57</sup> Idem. 1985, p.55.

<sup>58</sup> Ibidem, 1985. 53.

<sup>59</sup> BORTOLOTTI, Zulmar H. *História de Nova Veneza*. 2012, p.40.



Figura 6 - Vida Nova, 1893 (Nova Veneza). Uma das paisagens retratadas no início da colonização pelas mãos do pintor Pedro Waingartner.<sup>60</sup>

Intitulado pelo próprio pintor como “Vida Nova” nota-se à paisagem natural sendo vítima da transformação pelo desbravamento de terras, com as derrubadas das matas, construções das primeiras casas, e as terras sendo recortadas para as estradas. Realmente estavam despreocupados com o impacto que provocara com a natureza. A “Vida Nova” para os imigrantes exigia derrubar a floresta “inacabável” e transformar a região para sua mais recente moradia em Nova Veneza. Atualmente a obra de Pedro Waingartner encontra-se na Prefeitura do município.

Contudo, percebe-se que não foi fácil para os colonos, pois tiveram que optar a sair de suas terras de origem para um país desconhecido. Segundo Quinto Baldessar (2005, p.63), “os imigrantes se sentiram jogados à sorte nesses abismos desconhecidos e nunca imaginados, cheios de perigos e incógnitas”.

Com a surpresa de um povo nativo, tornou-se uma situação crítica no aspecto de sobrevivência cultural e espacial. Segundo o pesquisador Nivaldo Goulart a área habitada pelos Xokleng foi gradativamente ficando menor com a entrada de imigrantes nas regiões do litoral e planalto. No litoral havia os portugueses que entraram em conflito com os índios Carijós. Então por ser uma área de perigo, os Xokleng recuaram para o interior, mas com a presença dos colonos e criadores de gado tornou-se difícil para a busca de alimentos. Por isso resultou o impedimento da transição dos Xokleng nesta região do planalto. Assim sendo,

<sup>60</sup> WAINGARTNER, Pedro. *Um artista entre o velho e o Novo Mundo: 1853-1929*. 2010.p.119.

sobrou então a área da encosta geral serrana, vales e nascentes do rio Araranguá e o vale de Itajaí.<sup>61</sup>

À medida que as comunidades foram aumentando, expandiam-se também as áreas de cultivo para agricultura e a pecuária. O modo de vida camponês foi cada vez mais se consolidando na região. As ações violentas contra os Xokleng ganharam força e apoio de autoridade, sejam elas das companhias colonizadoras ou membro do governo.

Quando se finalizou a entrada da imigração no país, os jornais foram liberados para fazer publicações de ataques indígenas na colônia. Tal sigilo foi uma estratégia de “esconder” a presença dos índios e não assustar os colonos que já estavam instalados e aqueles que ainda iriam imigrar. Desde o início da colonização em 1891 até princípios de 1895, os jornais noticiaram os conflitos com os Xokleng, ou seja, estavam liberados para relatar os ataques indígenas. Zulmar Bortolotto coloca algumas notas que foram dadas em jornais, entre esses se destacam: República (1896), O Estado (1902), o Dia (1907) e Folha do Comércio (1910).<sup>62</sup> Bortolotto diz que os “bugres” eram vistos como feras, ou piores que isto. Afirma que tanto para os índios, como para os colonos, matar era uma questão de sobrevivência.<sup>63</sup>

No confronto com os indígenas o colono tinha armas de fogo. O professor Nivaldo Goulart (GOULART, p.16), diz que a colonização era um objetivo sistemático, e os índios eram um grande empecilho para a colonização no processo civilizatório da colônia. Sendo que os índios não compreendiam a lógica da colonização, já o colono tinha noção de pertencer a uma civilização, sabiam quais eram os tipos de interesse e a cultura que estava em jogo.

Nivaldo Goulart fala que existem vários relatos das lutas de bugreiros com os indígenas. Goulart diz que Natal Coral foi um famoso bugreiro de Nova Veneza, Timbé do Sul e região. Segundo uma lenda, conhecida no município de Nova Veneza, Natal Coral teve sua mulher, Maria de Faveri, raptada pelos Xokleng. Durante as buscas em meio à mata passou a conhecer os hábitos dos grupos indígenas. Quando recuperou a mulher percebeu que tinha um filho nascido e a espera de outro. Então passou a “vingar-se”, tornando-se um bugreiro “terrível”, matando a facção mais de 100 índios em um acampamento. Relata que certa vez, Coral chegou à colônia com um saco de 200 orelhas, cobrando ao administrador da Companhia Metropolitana Miguel Napoli, uma oferta de 400\$000. Más em meio a negociações Napoli e Coral tomaram algumas atitudes:

---

<sup>61</sup> GOULART, Nivaldo A. *Sambaquianos, Carijós e Botocudos*. S/N p.16.

<sup>62</sup> BORTOLOTTI. 2012, p. 99.

<sup>63</sup> Idem. 2012, p. 99.



A cena foi chocante e o Napoli não quis pagar e ameaçou a denunciar às autoridades, também foi ameaçado de ser o mandante e chegaram a um acordo de abafar e ninguém denunciar ninguém, mas tinha que ir sepultar os índios mortos, mas foi feito com muita blasfêmia e a contra gosto pois os corpos se achavam em avançado estado de decomposição.<sup>64</sup>

Porém, ao analisar a obra de Quinto Baldessar, percebe-se a outra perspectiva sobre a história de Natal Coral. Para entender melhor, Baldessar teve aproximação com os filhos de Natal. Através das suas lembranças e as fontes orais de seus familiares, aborda a respeito da índole de Coral, o qual era um agrimensur respeitado, e amigo de todos. Casou-se com Maria de Faveri e tiveram onze filhos. Devido à profissão, sabia como os índios os caminhos de todas as malocas. Más não que fosse um caçador ou um bugreiro, como é narrados nos livros, mas sim pelo dever de conhecer através do seu serviço.<sup>65</sup>

“Bugreiro” era a figura do caçador de Índios, para pô-los a preço nos mercados de escravo. Era o escravagista profissional que punha o preço os selvagens capturados, para substituir o braço escravo que já não podia ser importado da África em virtude da proibição legal dos governos europeus desde 1850, também pelo governo brasileiro.<sup>66</sup>

Na visão de Quinto Baldessar percebe-se a resistência em sua fala, pelo fato de ser próximo com a família de Natal Coral. Em relação à história do rapto de Maria de Faveri, Baldessar, afirma que não passa de uma lenda, pois todos os filhos são legítimos de Natal Coral. Em especial o Vittório e Nicola, os quais diziam que eram descendentes e carregavam os traços biológicos dos Xokleng. Baldessar diz que Nicola era seu Padrinho, não aparentava de forma alguma essas características indígenas. Por fim, alega o fato sobre as lutas entre os nativos, e reconhece as injustiças ocasionadas com esses povos. Porém as lutas foram praticadas de modo coletivo pelos imigrantes, por isso seria injusto sobrecarregar apenas em alguns nomes.<sup>67</sup>

Darcy Ribeiro comenta também sobre esse caso da relação do Xokleng com imigrante, onde explica que em meio ao desbravamento da colônia e diante da defesa em prol das suas terras, o comportamento era representado como os ferozes para os colonos. Estes tiveram que tomar providência para pôr fim os conflitos. Dessa forma, é quando Darcy Ribeiro mostra a atuação bugreira na mata. Não só no Sul do Brasil existia a função de bugreiro, como existia em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.<sup>68</sup>

<sup>64</sup> GOULART. S/N, p.30-31.

<sup>65</sup> BALDESSAR, Mons. Quinto. *Os imigrantes no confronto com os índios*. 2005, p.57.

<sup>66</sup> BALDESSAR. 2005, p.57-58

<sup>67</sup> Idem. 2005, p.62-63.

<sup>68</sup> RIBEIRO. Darcy. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno*. 2009, p.129.

Darcy Ribeiro apresenta um relatório escrito pelo inspetor do Sistema de Proteção do Índio (SPI), Eduardo de Lima e S. Hoerhen de 1910, o qual retiraria das matas de Santa Catarina os bugreiros profissionais. Destaca-se quando menciona a Colônia de Nova Veneza:

Nos municípios de Araranguá e Tubarão existiam e existem quiçá, os celebérrimos Veríssimo, Maneco Ângelo e Natal Coral, os três grandes capitães das batidas. Eram tidos como heróis e como tais respeitados. Visavam-nos, aplaudiam-nos e citavam seus nomes se fossem de prestantes cidadãos.

Em Nova Veneza os morticínios levados a efeito por Natal Coral e Ângelo a mando do diretor da colônia foram numerosos. Em cada município onde existiam índios, havia os tais caçadores. Citamos os três indivíduos que se entregavam ao triste mister nos municípios do sul.<sup>69</sup>

Através dessa citação, percebe-se a contradição na fala de Padre Quinto Baldessar, na relação do Natal Coral atuando nas batidas contra os Xokleng.

A obra de Goulart leva a crer a existência dos caçadores de índios. O depoimento sobre “bugreiros” evidencia os conflitos trágicos de crueldade com os povos nativos que habitavam a região Sul catarinense. Contudo através da ação bugreira foi uma maneira de desintegrar o modo de vida dos Xokleng em seus territórios.

Para os Xokleng os imigrantes europeus eram intrusos, dispostos a dominar seu território. E os imigrantes consideravam os Xokleng como os povos bárbaros, e tendo a possibilidade de conviver juntos, era uma realidade quase impossível.

Através das obras pesquisadas acredita-se que, por meio do procedimento sistemático da colonização, muitos índios do grupo Xokleng foram dizimados na luta e resistência contra a invasão de seus territórios. Desta forma resultou para história fatos de um verdadeiro extermínio que são catástrofes irreversíveis.

## **2.2. O índio selvagem na obra do Padre Italiano Luigi Marzano**

O livro *Colonos e Missionários Italianos nas florestas do Brasil*, é uma das primeiras obras escrita sobre a colonização da região Sul catarinense.

Padre Luigi Marzano foi um missionário imigrante do norte da Itália. A primeira versão do livro foi escrito em italiano em 1899 e publicado em 1904. Anos depois, foi traduzido pelo Padre João Leonir Dall Alba sendo publicado em 1985. O livro do Padre Luigi Marzano nada mais é a experiência própria como imigrante. A partir da convivência com os colonos

---

<sup>69</sup> RIBEIRO. 2009, p. 130.

percebe-se a maneira de como representavam a imagem dos Xokleng. Através da sua narrativa podemos analisar a mentalidade das pessoas que vivenciaram nesse período.

Marzano escreve o livro relatando sobre o desenvolvimento das colônias, a expansão da agricultura e os enfrentamentos com os colonos os quais tiveram se que adaptar com o novo território desconhecido. Esse livro é utilizado como fonte bibliográfica para muitos pesquisadores que têm como objetivo escrever a história da colonização do Sul catarinense.

Nesta obra, comumente quando se refere aos Xokleng, é de uma forma preconceituosa chamando-os de “selvagens”; esse termo reflete de maneira como fossem animais ferozes. Contudo, os índios são representados como um entrave para a construção da civilização. A convivência entre essas duas culturas seria impossível nesse período viver pacificamente juntas, na qual o homem branco julgava-se superior em relação aos Xokleng. Analisando as narrativas tradicionais levam acreditar que os colonizadores eram os vencedores, os heróis de bravura, conseguiram dominar sob as dificuldades que apareciam em meio à mata em busca do progresso da colônia.

Neste ano completa-se o 25º aniversário da fundação das colônias. Há vinte e cinco anos a mata, ou melhor, floresta, antes ninho de selvagens e de animais ferozes, foi cedida às vigorosas forças dos italianos, os quais a transformaram, com suas fadigas, com seus suores e sacrifícios, em ubertosa terra de agricultura.<sup>70</sup>

Percebe-se que os Xokleng eram totalmente desprezados e invasores das terras compradas pelas Companhias colonizadoras, sendo que já há muito tempo habitavam nessas áreas. Foi por causa dessa situação que os Xokleng ocasionaram a morte de alguns imigrantes. Segundo Marzano (1895, p.187), “os selvagens são os terríveis Botocudos, a raça mais feroz que existe, como já disse”. Dessa maneira, Marzano faz a descrição física dos Xokleng:

É propriamente dos botocudos que eu devo falar, porque nos interessa mais. Em todas as incursões e aparições contra nossos compatriotas, sempre foram vistos só os botocudos de raça terrível. Completamente nus, de cor de cobre, estatura média, largos ombros, músculos nervudos, cabelos soltos e negros, olhos pretos, em amêndoa, bastante apertados. Apresentam longínqua semelhança com a raça mongólica.<sup>71</sup>

Porém, Marzano (1985, p.72), percebe que eles tinham também uma forma de organização dentro do grupo, os quais eram submetidos às ordens de um chefe, ou seja, o cacique. Eram artesãos, pois faziam cintos de tecido para os guerreiros. Fabricavam o armamento de caça e para festas e rituais as bebidas de fermentação de milho ou de mandioca (caulim). Também tinham uma crença religiosa, segundo Marzano veneravam os

---

<sup>70</sup> Op. Cit. 1985, 52.

<sup>71</sup> Op. Cit. 1985, p. 71-72.

mortos que sepultavam, pois talvez acreditassem em uma vida futura. Tinham o seu sacerdote que era muito respeitado, conhecido por pajé, tinha um papel fundamental, e era muito influente para seu povo.

Marzano mostra que a relação dos Xokleng com os colonos começou a se estreitar. Em consequência das derrubadas das matas, e a expansão da atividade agrícola no território que historicamente era ocupado pelos Xokleng e gradativamente foi sendo ocupada pelos colonos. Segundo Mauricio Selau, não era de estranhar quando os Xokleng procuraram medidas para afastar o grupo rival do seu território.<sup>72</sup>

Marzano relata o episódio do ataque dos Xokleng à família Baldessar:

É do dia{sic} dez de fevereiro de 1889. Quatro irmãos Baldessar, do Rio Deserto, então tranquilamente derrubando árvores e cantando alegremente. Um deles afasta-se algum tanto {sic} para observar uma árvore majestosa e medir a grossura. Não tinha percorrido 25 ou 30 metros, quando sem tempo de aperceber-se do perigo, é atingido por uma flecha e cai dando forte grito. Acorrem os irmãos assustados, e com horror veem Giovanni num lago de sangue, com o corpo transpassado de lado a lado por uma flecha. Pegam-no nos braços e levam-no à casa mais próxima. O ferido ainda tem a coragem de extrair do corpo a seta mortal. Mas não havia mais esperança. Sofrendo dores horríveis morria vinte horas depois. Era a primeira vítima italiana!<sup>73</sup>

Ora, é instinto de qualquer pessoa alguma reação, pois viram que suas áreas estavam sendo dominadas e transformadas pelo homem branco, que ao contrário dos Xokleng eles desmatavam as florestas. A Mata Atlântica era o habitat dos nativos, estes retiravam o necessário para sobrevivência do grupo, e de fato decidiram reagir contra a ação dos colonos. Segundo a historiadora Carla Biff, a floresta era vital para sobrevivência dos índios, e a reação gerou o conflito entre esses dois povos.

A preservação da floresta para os Xokleng era vital para a sua sobrevivência. Não só pelo fato de morarem em seu interior, mas também porque extraíam da floresta todos os suprimentos necessários para a sua sobrevivência. Os Xokleng viviam da caça e da coleta e com a interferência dos colonos nas matas, a possibilidade dos Xokleng conseguirem alimento diminuiu. Para compensar essa escassez decorrente da devastação das florestas, as tribos atacaram as propriedades dos colonos para conseguir o alimento que precisavam. Em outros casos atacavam por vingança ao ataque que sofriam dos próprios colonos.<sup>74</sup>

A tranquilidade que antes existia nas colônias foi se perdendo, e a confiança dos colonizadores entre os indígenas também. Desta maneira quando seguiam para derrubada das matas os imigrantes sempre estavam sobre aviso e também sempre andavam armados.

---

<sup>72</sup> SELAU. 2010, p. 157.

<sup>73</sup> MARZANO. 1985, p. 74.

<sup>74</sup> BIFF. 2009, p. 30.

Uma das medidas tomadas foi pedir o auxílio do governo por uma solicitação de militares para o afastamento dos indígenas. Neste caso quem deveria se afastar eram os Xokleng, porém essa tentativa foi um fracasso. Por conta da Companhia Colonizadora, com sede em Orleans fundaram outros centros coloniais, que são as Colônias de Rio dos Pinheiros e Grão-Pará.<sup>75</sup>

Marzano relata que dessa vez quem decidiu reagir foram os colonos. Reunindo mais 260 homens mato adentro, contando também com a ajuda do governo e com homens preparados para andar nas floretas, juntamente com os soldados. Nesta representação entende-se que eles iriam partir para uma guerra.

“Chegando o dia estabelecido, todos se ajuntaram de manha cedo na praça de Urussanga, armados até os dentes, carregados de alforjes e sacolas. Tal era o entusiasmo que vendo-os, ter-se-ia pensando serem autênticos garibaldinos.”<sup>76</sup>

De um lado os Xokleng, povos históricos que sempre habitaram nessas áreas. De outro lado os povos que vieram para um país em busca de prosperidades e progresso, buscando nas terras do Sul de Santa Catarina uma nova esperança para reconstruir suas vidas. Os Xokleng assistiram por muitas vezes o seus territórios sendo recortados cada vez mais. Supostamente uma ‘guerra étnica’ estava sendo iniciada. Conseqüentemente o confronto entre os indígenas e colonos começou a crescer, sem dúvidas este processo era um sistema de defesa e resistência de ambos os lados.

Porém nesse período não foi analisado a situação dos Xokleng. E é necessário frisar que do mesmo modo que os imigrantes matavam por desforra ao perder um ente querido, os índios defendiam-se dos ataques dos colonos, na luta por resistência dessas áreas na qual viveram mais tempo.

Padre Marzano, faz uma reflexão sobre os acontecimentos trágicos, nesse momento mostra o papel cristão de pregar a paz e o perdão.

Não tem os selvagens uma alma como nós? Ou matar esses nossos irmãos não é um homicídio culpável? Deixamos tudo na mão da Divina Providencia. Chegara a hora em que conquistaremos os selvagens da floresta, almas para civilização e para o paraíso. Hora, portanto, à colônia italiana, que em tantos anos de sofrimentos, de moléstias e de mortes, soube manter uma atitude digna e civilizada.<sup>77</sup>

Entende-se que Marzano refere-se sobre a conversão das crenças indígenas para as cristãs. Mais uma vez percebe-se que era necessário entrar nos moldes europeus para manter a civilização dentro dessas colônias. Essa situação não era uma tarefa fácil, porém o que

<sup>75</sup> MARZANO. 1985 p. 78.

<sup>76</sup> Idem. 1985, p. 79.

<sup>77</sup> Ibidem. 1985, p. 80.

estava em jogo eram outros valores. A ação do extermínio não era um ato admissível para Igreja, más na prática a matança em busca de progresso, de permanecer a paz na colônia poderia ser um ato aceitável. Cabendo algum dia a “Divina Providência” julgá-los por estas atitudes.<sup>78</sup>

### **2.3. As representações dos Xokleng nas obras dos descendentes da imigração italiana**

Analisando os relatos historiográficos utilizados, nesta segunda parte da pesquisa, é notório que a maioria dos livros é escritos por Padres. Cada uma dessas obras aborda o desenvolvimento do período da colonização do Sul catarinense. Portando, podem ser observados os modos como representavam as imagens desses povos nativos, ou melhor, dos Xokleng no processo de colonização.

Assim, cada livro tem uma característica peculiar. Por meio das narrativas alguns tentam demonstrar nas suas obras sendo a “legítima história”, dando a impressão de ser o “porta voz” do passado. Todavia, “historiadores amadores”, padres, jornalistas entre outros, utilizavam-se para a construção das suas pesquisas as reproduções de fontes documentais. Relatam também as histórias contadas através de lembranças que seus antepassados contavam como era o dia-a-dia na colônia.

De um modo geral, a historiografia da imigração e colonização não compreendem e nem se interessam em conhecer o modo de vida dos Xokleng. Neste caso, a preocupação dessas histórias é narrar o desenvolvimento das colônias, e por isso nota-se que dão preferência na reprodução dos conflitos de domínio de terras, que houve entre as duas culturas.

Padre Dorvalino Eloy Koch, formado em Filosofia, Mestre e Doutor em educação, no seu histórico de vida já publicou uma dezena de livros. Porém para essa pesquisa foi selecionada a obra que fala sobre o conflito Euro-Xokleng. No início da obra, percebe-se algumas informações de indígenas da América Latina, onde apresenta dados que mostram um comparativo populacional dos países do Merco Sul em relação ao índice populacional indígena que sempre se mostra inferior. Apresenta quadros das línguas nativas, em especial a do Tronco Macro-Jê (sub-tronco), que originam oito línguas, que são estas: Kaingang, Apinayé, Akwen, Timbira, Xokleng, Suyá, Kayapó e Paraná.<sup>79</sup> Seu foco é mostrar como

---

<sup>78</sup> Op. Cit. 1985, p.80

<sup>79</sup> KOCH. Dorvalino E. *Tragédias Euro-Xokleng e conflito*. 2002, p.18.

sucedeu os conflitos territoriais de norte a sul, em especial em Santa Catarina na implantação das colônias. Na obra ele trata além da guerra entre os povos, o contato e assimilação para tornar o índio um ser civilizado. Problematisa a política indigenista do Sistema de Proteção do Índio (SPI):

Desconhecendo o vigor das raízes de uma cultura, o SPI traçou um esquema bastante ingênuo de aculturação indígena, assim explicado pelo Pastor Aldinger, de Ibirama: Tratava-se, diz o Pastor, de “trazer os índios arredios para o convívio dos índios os mais civilizados e dos empregados do Posto”. A seguir, “mas sem violência, era só conquistar os índios para a civilização e, paulatinamente, integrá-los na comunidade brasileira”. Os casos de desculturação desta seção vão limitados, como já anotado, ao Período Hoerhann, que vai de 1914 a 1954. A administração do Posto indígena estava nas mãos do Pacificador. Sem recursos oficiais, viu-se ele na compulsão de levar os índios a uma economia “civilizada” de auto-subsistência: a agricultura, euro-colonial. Era um adeus a subsistência de caça e coleta.<sup>80</sup>

Padre Quinto Baldessar, foi autor de algumas obras, e a maioria é sobre a colonização no Sul de Santa Catarina. No início da obra “*Os imigrantes no confronto com os índios*”, Baldessar fala um pouco sobre os Xokleng. Mostra que eles eram habilidosos no artesanato,

Eram muito hábeis em tecer cestos, ou balaios com taquara silvestre, rachadas em finas tiras, muitas vezes pintadas entremeadas de diversas cores muito vivas. Faziam também o jequi ou cacuri para pescar, ambos de taquara rachada. O cipó também era utilizado nessas artes dos cestos. Tinham cordas muito resistentes feitas com as fibras de cestas {sic} árvores chamadas embiras. No entanto a cordinha mais forte e que nunca era muito grossa, eram os barbantes de fibras de folhas de tucum. Esse trabalho era bastante utilizado nos arcos e nas varas de pesca quando começaram a usar os anzóis dos imigrantes. A cerâmica era uma arte bastante primitiva, mas fabricavam seus potes e panelas, até de proporções muito grandes para as reservas de água potável, caxiri e cauim.<sup>81</sup>

Além disso, Segundo Baldessar, os nativos não usavam roupas, andavam sempre nus. Algumas vezes era utilizada pele de animais ou pena de aves para aquecer as crianças. E por falar em crianças, as famílias não eram numerosas, raramente ultrapassava de três filhos. Adiante mostra como era o regime alimentar.<sup>82</sup> As representações através de Baldessar também mostram os indígenas sendo vítimas da colonização.

A forma de como ele relata os acontecimentos, remete na sua história e na experiência adquirida ao longo de sua vida na função de sacerdócio e também na experiência da vida militar, onde assumiu a Capelania Militar do Exército em Santa Catarina. Porém é importante frisar que autor narra com cautela, quando se refere às matanças bugreiras, e as histórias contadas de forma lendária no tempo presente.

---

<sup>80</sup> Idem. 2002, p. 221.

<sup>81</sup> BALDESSAR. 2005, p.12.

<sup>82</sup> Idem. 2005, p.30.

O que faço a descrever e, seguida, não é fruto de informações colhido de alguma bibliografia, mas faço a transcrição das memórias da tradição da família que viveu, sentiu na própria carne, sofreu e derramou sangue na luta que foi armada pelos órgãos colonizadores do governo, na qual foram lançados os imigrantes.<sup>83</sup>

Por ser descendente de imigrantes, que tiveram tal contato com os índios, procedeu a referida pesquisa. Baldessar mostra que o primeiro contato com os imigrantes foi de forma pacífica. Más a situação mudou a partir do momento que viram suas áreas sendo abatidas, e suas comidas ficando escassas, entre outros motivos que levaram a provocar ações trágicas. Afirma que essas atitudes foram às formas de mostrar que os ocupantes das terras eram eles. (2005, p.15). Baldessar narra alguns capítulos sobre os ataques dos Xokleng aos imigrantes.

Nos primeiros tempos, o Bugre Carijó (Botocudo), olhava com espanto e admiração para o imigrante. O seu modo de trabalhar de derrubar o mato {sic}, de amanho a terra, de semear os cereais, suas ferramentas seu jeito de alimentar-se e a forma de viver em sociedade. Tudo lhe era tão estranho, como se viessem indivíduos de outros planetas e se instalassem na terra com seus usos e costumes. Entretanto, chegou o dia, em que ele percebeu que o colono era um intruso que perturbava seu vagar incessante pelas florestas e suas caçadas de ariscos animais e de aves de plumagem colorida.<sup>84</sup>

Agenor Marques também exerceu sua função como sacerdote. Pesquisador sobre a colonização, a obra está direcionada para a história de Urussanga, em especial será abordada como ele representa a imagem dos Xokleng nesse contexto. Seu foco de pesquisa é o desenvolvimento da colonização, levando sua narrativa até primeiros contatos dos indígenas com os imigrantes. Segundo Marques (1978, p.232), “mais cedo ou mais tarde eles se encontrariam, brancos e bronzeados, para o terrível abraço de sangue. Embora com seus lotes devidamente escriturados, teriam os italianos que disputá-los com os donos da floresta”.

Todavia, sabemos que esse período não é uma história com “final feliz”. Através das narrativas, e das diversidades representadas sobre o conflito dos colonos e indígenas, tornou-se um processo que dizimou a maior parte de uma cultura nativa. Sabe-se que os Xokleng eram um grupo seminômade que dependia da coleta e da caça, e assim necessitavam dominar um enorme espaço para sua subsistência. E novamente é importante frisar sobre a chegada da colonização, as áreas dos Xokleng gradativamente foram sendo afuniladas pela expansão agrícola. Não sobrou alternativa a não ser enfrentar o homem branco.

Para pacificar a situação entre as duas culturas, o governo tomou medidas severas. Marques com base em Silvio Coelho dos Santos, analisa sobre os conflitos entre os colonos e Xokleng:

---

<sup>83</sup> BALDESSAR. 2005, p.210

<sup>84</sup> Idem. 2005, p. 193.



Os entreveros entre índios e brancos, entretanto, haviam sido previsto por algumas pessoas. O próprio Governo da Província, em relatório, no ano de 1849 admitia: (... Sou avesso a que se use a violência contra os aborígenes, pois me convenço que este sistema tenderá a perpetuar reciprocamente os ódios...). No ano de 1877, novamente o Governo se manifestava visualizando o problema em sua totalidade. Dizia o Presidente da Província: (...Enquanto não se estabelecer na província um systema de catequese geral, existirá a lucta entre o selvagem e o homem civilizado, que tentar aproximar-se d'aquêle. E é provável que estes combates individuais se revistam de um caráter mais grave, quando o espaço ocupado pelas hordas selvagens for diminuindo pela conquista dos sertões do interior, conquista que, depois do desenvolvimento das colônias n'esta Província, se vai fazendo de um modo regular e progressivo...).<sup>85</sup>

Na abordagem sobre os Xokleng o jornalista Zulmar Bortolotto aponta sobre a falta de preocupação governamental sobre os povos indígenas.

Bortolotto afirma que muitos dos Xokleng fugiram afugentados para outras localidades. Com base de uma publicação do jornal “*O Dia*”, narra sobre a fuga de alguns indígenas onde atualmente é Lauro Müller e o Vale do Rio Araranguá.<sup>86</sup>

O Professor Nivaldo Goulart, na pesquisa sobre os índios apresentou uma visão histórica sobre três povos indígenas: Carijós, Xokleng e os Sambaquis. O livro é constituído de forma bem sucinta, trabalhando na linguagem didática. Pode-se compreender que os Xokleng como sujeitos históricos, relatando sua a cultura, área de localização, modo de vida, luta de sobrevivência; assim faz uma comparação com os Carijós:

Os Xokleng viviam num estágio cultural diferente dos Carijós. Em quanto os Carijós eram sedentários e agricultores, os Xokleng eram seminômades e retiravam da floresta a sua sobrevivência, caçando, retirando o mel, colhendo os frutos e principalmente entre abril e agosto colhendo o pinhão. Pescavam pouco, pois além da flecha não tinham outro instrumento de pesca o que devia render pouco em rios de peixe de porte pequeno médio.<sup>87</sup>

Através de relatos de pessoas mais idosas, as quais conheceram através de histórias de famílias e até mesmo chegaram a ter certo contato com os Xokleng, foi possível para o autor a “reconstituir” parte da história. Além disso, Nivaldo mostra também a tática de extermínio, percebe-se nos relatos na maioria das vezes com êxito. Goulart representa em seu livro como eram as tradicionais “batidas” que aconteciam nas colônias.<sup>88</sup> Através da análise de Nivaldo Goulart, tudo leva a crer sua compreensão a povos que tinham muito a nos ensinar. Dentro da sua cultura, não existiam classes sociais de ricos e pobres, nem superioridade. Numa sociedade em harmonia, viviam em proteção ao meio ambiente, de forma a garantir sua

<sup>85</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. In: MARQUES, 1978, p.286.

<sup>86</sup> BORTOLOTTI. 2010, p.101e 102.

<sup>87</sup> GOULART. S/N, p. 19.

<sup>88</sup> Idem. S/N, p.29.

sobrevivência física e cultural. Então, através dessas atitudes defendia bravamente seu território, enfrentando os invasores de suas terras.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Ibidem. S/N, p.32.

## CONCLUSÃO

Durante muito tempo, antes da chegada do homem branco, os índios tinham domínio das florestas, desde as extremidades do Planalto Serrano aos Vales Litorâneos da região Sul do Brasil. Eram o grupo Xokleng, que habitavam na Mata Atlântica no Estado de Santa Catarina até o século XX.

Na análise das obras para a pesquisa, conclui-se que os autores reconhecem a presença do grupo Xokleng nessas regiões. Porém, as obras pesquisadas levam a crer que cada autor tem sua perspectiva, e seu foco de abordagem. Desse modo através da história cultural percebemos as várias maneiras de representações historiográficas regionais.

De modo geral, nas obras acadêmicas, percebe-se que os estudos são mais precisos em termos culturais indígenas, ao mesmo tempo é contextualizado o período da colonização. Mostram que os grupos Xokleng viveram uma luta de classe, resistências em prol da sobrevivência nas terras que denominavam suas.

Um povo seminômade que tinha seus usos e costumes, regime alimentar através da caça e coleta, habilidades artesanais, e tinham também seus rituais e festejos. Esse era o povo que foi totalmente desconsiderado pelas Companhias Colonizadoras, juntamente com o poder dos governantes. Estes desintegraram o modo de vida dos Xokleng, e ocasionaram o desmatamento das florestas, em prol da expansão do capitalismo pelo desenvolvimento da agricultura.

Compreende-se que foi inevitável os Xokleng continuarem com os mesmos modos de vida, a não ser que aceitassem transformar inteiramente seus costumes e sofrer mudanças significativas na sua cultura. Como isso não foi aceito pelos indígenas, percebe-se em algumas obras, o olhar eurocentrista e do preconceito ao chamá-los de “selvagens”, de “bugres” entre outras denominações.

Nas obras feitas por padres e também por pessoas que escreveram contando sua versão da colonização, notamos que os colonos foram os heróis, os bravos homens que tiveram a coragem de largar sua vida na Europa, emigrarem para terras totalmente desconhecidas. Muitos autores relatam que no princípio a convivência foi pacífica, e ainda alguns mantiveram suas famílias próximas aos Xokleng.

Deste modo, essas obras levam a crer que foi por motivos de furtos em suas residências, e nas suas lavouras, que surgiram as primeiras mortes nessas áreas. E como defesa, os imigrantes também foram levados a se defenderem de ataques indígenas.

Nas obras não acadêmicas, quando mencionam os indígenas em seus capítulos, a maioria é apresentada às batalhas culturais. Dessa forma não obtemos a visão dos dois lados da situação, percebe-se também que alguns escritores não têm o interesse de abordar sobre a cultura dos Xokleng. Nesta análise percebe-se a desintegração total de uma área e de uma cultura nativa, prejudicadas pelo sistema de implantação de colônias agrícolas e na descentralização do processo civilizatório, marcado com lutas e resistências.

Através de relatos e lendas, contadas pelos familiares dos descendentes de imigrantes, e até mesmo de viajantes e missionários que presenciaram esse período, narrada de como sendo “verdadeira” história desse período.

Interessante seria, se despertasse o questionamento de como era antes da imigração nestas regiões, e argumentassem quem eram essas pessoas e como eram suas culturas existentes nessas terras. Esse propósito de reflexão é muito importante para a construção da nossa identidade. Através destas informações, ter-se ia a oportunidade de se conhecer uma cultura diferente do que é atualmente; do que se foi acostumado a conviver, e também se dispor a mudar concepções e paradigmas.

## REFERÊNCIAS

- BALDESSAR, Quinto. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições**. Editora: FORMSUL. Forquilha, 2005.
- BALDESSAR, Quinto. **Os imigrantes no confronto com os índios**. Editora: FORMSUL. Ed.: 2°. Forquilha, 2005.
- BIF, Carla Zanette. **História e Historiografia da Colônia de Nova Veneza (SC): Uma Abordagem de História Ambiental**. Defesa de graduação (História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma. 2009.
- BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Editora: Insular. 2ª ed. Florianópolis/SC. 2012
- DALL'ALBA, João Leonir. **Pioneiros nas terras dos Condes. Histórias de Orleans I**. 1971.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. Editora: Ática. São Paulo. 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**: Editora: Contexto. São Paulo, 2011.
- GOULART, Nivaldo A. **Sambaquianos, Carijós e Botocudos**. Ed. do autor. 1988.
- KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e Contexto**. Editora: Pallotti. Brusque/SC. 2002.
- LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e sugestões para os Arqueólogos**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo. 1994.
- MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. **Imigração Italiana. Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga. 1878-1978**. Urussanga: Gráfica Ribeiro, 1978.
- MARZANO, Luigi; tradução de João Leonir Dall'Alba. **Colonos e missionários na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC / Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.
- PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Editora: Autentica. São Paulo. 2005.
- SANTOS, Silvio Coelho Dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Editora: EDEIBA. Florianópolis. 1973.
- SANTOS, Silvio Coelho Dos. **Os Índios Xokleng Memória Visual**. Editora: UFSC. Florianópolis. 1997.
- SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **A imagem do índio: o selvagem americano na visão do homem Branco**. IBRASA. São Paulo. 2000.

SELAU, Mauricio. **A ocupação do Território Xokleng pelos Imigrantes italianos no sul de Santa Catarinense (1875 -1925):** resistência e extermínio. Editora: Bernúncia. Florianópolis. 2010.

VIEIRA, Edna E. **Simbolismo e Reelaboração na Cultura material dos Xokleng.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2004.

WAINGARTNER. Pedro. **Um artista entre o velho e o Novo Mundo:** 1853-1929. Ed. 2010

**Sites consultados:**

SANTOS, Silvio Coelho Dos. Encontros de estranhos além do "mar oceano". p. 435.

Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_431-448.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf).